

Égypte, on a exploré des tombes remontant à 8.000 ans au moins et qui renfermaient des corps admirablement conservés, grâce probablement à l'extrême sécheresse de l'atmosphère et à la perfection des moyens employés pour l'embaumement. Le Dr. Elliot Smith, professeur d'anatomie à l'École de médecine du Caire, les a étudiés. Les cheveux, les ongles, les ligaments, les muscles et les nerfs eux-mêmes sont en excellent état. Parfois même le cerveau et les yeux munis de leur cristallin ont été observés. Enfin le Dr. E. Smith a pu faire plusieurs fois l'anatomie des plexus nerveux des membres.—*M. B.*

(De *L'Antropologie*, vol. XIII, pp. 414-415).

### A matriz de Villa do Conde

Quando, ao percorrer o ultimo fasciculo d-*O Archeologo*, se me deparou o excellente artigo de Monsenhor Ferreira, acêrca da linda rainha do Ave, toda a minha pena me não foi bastante para me lamentar de não terem sido reproduzidas então duas photographias, que ha annos eu tomára em Villa do Conde e precisamente do portico e do arco do côro da igreja a que o esclarecido ecclesiastico se refere.

Retrotraíam porém os leitores as minhas illustrações ás palavras entusiasticas de Monsenhor Ferreira e verãõ que, áparte a differença de meritos, lhes parece que umas foram feitas para as outras, tanto se completam.

Não quero pôr de minha casa prata de mau quilate, e por isso selecciono de tres escritores algumas linhas que não permittirão que as photographias vão assim muito nuas de commentario autorizado.

O primeiro escritor é estrangeiro e parece que, por não ser dos nossos dias, anda agora um pouco esquecido. Pois viu muito no nosso país e a sua penna não nos fere. Diz, falando da «... architectura de D. Manoel: estilo participante do gotico e que serve de passagem para o renascimento, estilo tão variado, que produziu tantos fragmentos curiosos de architectura entre 1480 e 1550. Em todos estes generos de architectura ha alguma cousa de particular que pertence sómente a Portugal». (*Les arts en Portugal*, par le Comte A. de Raczinski, p. 410):

É uma apologia da arte nacional d'aquelle periodo, embora escrita com economia de palavras.

Agora de um escritor português, tratando mesmo de Villa do Conde: «A sua bella igreja parochial, da invocação de S. João Baptista,

é obra do sec. XVI. O seu estilo, posto que já muito deturpado pelas successivas restaurações, pôde definir-se como pertencendo ao chamado impropriamente de decadencia—a evolução do estilo gotico em Portugal, que o torna gotico florido porventura menos severo e menos contemplativo e que entre nós se generaliza desde os dias de D. Manoel até D. Sebastião». (*A Arte e a Natureza em Portugal: II. «Villa do Conde», por J. Caldas.*)

O terceiro e ultimo escritor é o Sr. Ramalho Ortigão no *Culto da arte em Portugal*. Desde p. 142 por deante o brilhante critico investe contra o dogmatismo que pretende ver na igreja da Batalha o ultimo e inacessivel modelo de architectura em Portugal, appellidando de decadencia quanto se lhe seguiu mas que para aquelle claro espirito «é a modificação portuguesa d'esse estilo (o gotico), é a sua nacionalização, é a originalidade local, imposta pelos architectos portugueses do sec. XVI, a um sistema geral de construcção, commum a toda a Europa». (P. 146).

O Sr. Ramalho Ortigão não traz nenhuma referencia particular ao monumento de Villa do Conde, mas faz o encarecimento do estilo manuelino e do que elle vale e significa como producto do trabalho nacional. Por isso o chamo para aqui.

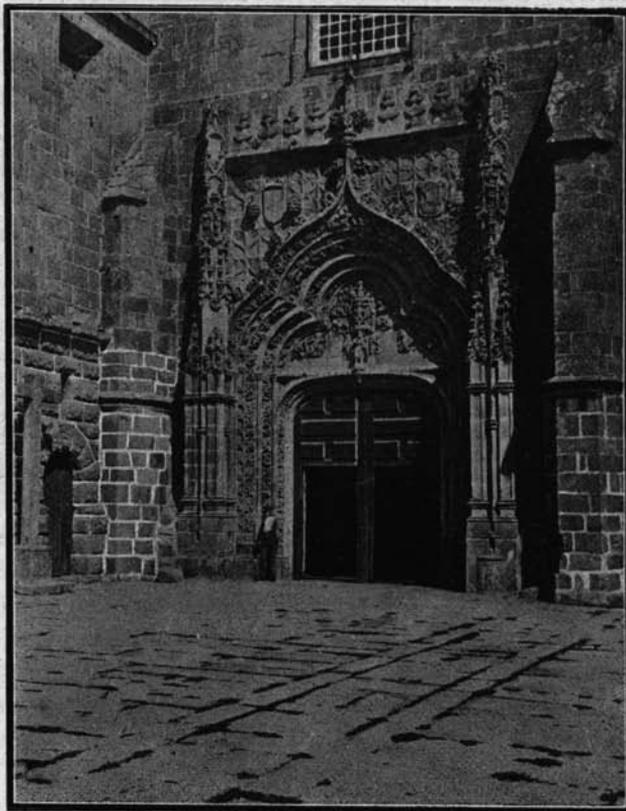
«Em Portugal tem sido accusados os architectos manuelinos de invadirem pelo vegetabilismo ornamental todos os perfis da construcção, submettendo assim as fórmas constructivas á ornamentação escultural. Os grandes criticos da Inglaterra, que tão consideravel impulso teem dado ás ideias estheticas e á moderna evolução artistica, entendem porém, ao contrario dos nossos, que a sciencia de edificar e de dispor linhas é na construcção de um monumento um ramo secundario da arte de esculpir. Esta affirmativa envolve a consagração da escola manuelina pela critica que neste seculo mais minuciosamente e mais profundamente tem estudado a arte gotica e a arte da renascença». (P. 145).

Ainda esta ironia: «É á decadencia do gotico da Batalha que nós devemos o incomparavel claustro dos Jeronimos, segundo Haupt o *mais bello claustro de todo o mundo*, bem como a fachada da igreja de Christo, em Thomar, onde a flammejante janela da sala do capitulo é a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais entusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portuguesa, que jamais realizou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra». (P. 147).

A matriz de Villa do Conde é um d'esses monumentos, gerado na idade aurea da nossa historia, numa villa que tinha a seus pés aquelle mar invio, mas que para nós foi a senda illuminada do engrandecimento. Bastará encarar a sincera majestade e graça d'esse portico para ex-

pulsar do nosso criterio essa ideia de *decadencia*, com que se pretende apoucar a escola manoelina. A inexpressão fria e despotica do *Renascimento* como que foi obrigada a vir sorrir-se em Portugal nos edificios manoelinos.

As obras d'esta epoca no nosso país dão-me a ideia de uma construcção mais ou menos riscada pelas linhas e fórmulas do *Renascimento*, mas transparentemente colgada de uma renda tecida na ornamentação



Portico da igreja matriz de Villa do Conde

gotica por mãos de portugueses que se criavam e viviam pelo mar. O gosto architectonico que edificava estas estrophes de pedra era como uma saudade do estilo ogival que passava, sentida e enviada pelo novo estilo, que no incessante rodar do tempo e da arte surgia algemado á immutabilidade do classicismo.

Seria um serviço prestado á historia da arte nacional o publicarem-se todos os especimes d'esta nossa architectura, ainda os mais sin-

gelos, que poderão esconder-se inesperadamente nos recantos das provincias. Em aldeias humildes da Beira-Baixa tenho eu visto numerosos, embora modestos, exemplares do gosto manuelino em portas, em janelas



Arco do côro da Igreja matriz de Villa do Conde

de edificios simples, mas cheios do encanto portuguez. Estudemos o que ha e é nosso para sabermos o que devemos ser e não somos.

F. ALVES PEREIRA.

**Catalogo dos pergaminhos existentes  
no archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães**

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, xi, 219)

CCXLI

24 de novembro de 1429

Traslado da clausula testamentaria de Leonor Domingues, pela qual lega aos clerigos coreiros 40 soldos annualmente com obrigação de uma missa cantada e duas rezadas.